

**FEIRA LIVRE E RISCO DE CONTAMINAÇÃO ALIMENTAR: ESTUDO DE ABORDAGEM ETNOGRÁFICA EM SANTO AMARO, BAHIA<sup>a</sup>**

Mirella Dias Almeida<sup>b</sup>

Paulo Gilvane Lopes Pena<sup>c</sup>

**Resumo**

O objetivo deste estudo foi compreender os significados do risco da contaminação alimentar para os feirantes de Santo Amaro, Bahia. Tratou-se de um estudo de abordagem etnográfica, utilizando técnicas de entrevista semiestruturada, diário de campo e observação participante. O processo de compreensão foi desenvolvido pela análise hermenêutica, identificando-se os significantes das falas. Constatou-se que os significados da contaminação alimentar são construídos muito mais por influências culturais do que pela interferência de conhecimentos técnico-científicos. A noção de contaminação restringiu-se às percepções dos sentidos. Contaminantes físicos visíveis e odores desagradáveis são os possíveis transmissores de doenças e impurezas. A contaminação microbiana é desconhecida pelo feirante que, em geral, concebe o perigo por meio dos miasmas como na era pré-microbiana (os microorganismos são invisíveis no plano real). O agrotóxico é representado como algo imponderável, invasor do mundo conhecido, provocando estranhamento na relação dos feirantes com os alimentos. A possível contaminação pelo chumbo foi naturalizada pelos entrevistados e percebida como algo distante, relacionada à fábrica. A percepção do risco está presente no pensamento e na reflexão, quando há questionamento acerca do tema, mas não na prática cotidiana.

Palavras-chave: Feira livre. Contaminação alimentar. Chumbo.

---

<sup>a</sup> Projeto financiado pelo CNPq.

<sup>b</sup> Mestre em Saúde Ambiente e Trabalho.

<sup>c</sup> Professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris.

**Endereço para correspondência:** Rua Bahia, nº 721, apart. 101, bloco A, Pituba, Salvador, Bahia. CEP: 41830-161. mirellafox@gmail.com

### **Abstract**

The research aim was to understand the meanings of food contamination to the street market vendors of Santo Amaro, Bahia. This study has an ethnographic approach, using semi-structured interview techniques, field diary and participant observation. The process of understanding was developed through hermeneutic analysis, identifying the significance of narratives. It was found that meanings of food contamination are built much more by cultural influences, based on beliefs and customs than by interference of technical-scientific knowledge. Notion of contamination was restricted to the sense perceptions. When food shows uncharacteristic signs, this indicates a nuisance or association to danger. Visible physical contaminants and unpleasant odors are potential transmitters of disease and impurities. Microbial contamination is unknown for street market vendors, who usually see the danger through miasmas as in the pre-microbial age (microorganisms are invisible in the real plane). Pesticides are represented as something imponderable, invasive of the known world, causing estrangement in the relationship of street market vendors with food. The possible contamination by lead was naturalized by the respondents and perceived as distant, related to factories. The perception of risk is present in thought and reflection, when questioned about the issue, but not in daily practice.

Key words: Street market. Food contamination. Lead.

### MERCADILLO AL AIRE LIBRE Y EL RIESGO DE CONTAMINACIÓN ALIMENTARIA: ESTUDIO DE ABORDAJE ETNOGRÁFICO EN SANTO AMARO, ESTADO DE BAHIA

### **Resumen**

Este estudio tuvo como objetivo comprender los significados del riesgo de la contaminación alimentaria para los vendedores del mercadillo de Santo Amaro en el estado de Bahia. Se trató de un estudio de abordaje etnográfico, utilizando técnicas de entrevista semiestructurada, diario de campo y observación participativa como técnicas. El procedimiento de comprensión fue desarrollado mediante análisis hermenéutica, siendo identificados los significados de lo dicho por los entrevistados. Se constató que los significados de contaminación alimentaria son construidos más por influencias culturales, que por la interferencia de conocimientos técnico-científicos. La noción de contaminación se restringió a las percepciones de los sentidos. Contaminantes físicos visibles y olores desagradables, son los posibles transmisores de enfermedades e impurezas. La contaminación microbiana es desconocida por el vendedor, que en general concibe

el peligro por medio de los miasmas como en la era pre-microbiana (los microorganismos son invisibles en el plano real). Los agro-tóxicos son representados como algo imponderable, invasores del mundo conocido, provocando extrañeza en la relación de los vendedores de mercadillo con los alimentos. La posible contaminación por plomo fue aceptada por los entrevistados, que mostraron una percepción de algo distante, relacionada con la fabricación. La percepción del riesgo está presente en el pensamiento y en la reflexión, cuando es cuestionado el tema, pero no en la práctica cotidiana.

Palabras-clave: Mercadillo al aire libre. Contaminación alimentaria. Plomo.

## **INTRODUÇÃO**

A feira é um espaço polissêmico em que vidas se cruzam, convivem e experimentam um cotidiano de diversidades. Feirantes, consumidores, transeuntes, turistas, crianças, idosos, mendigos e animais dividem o mesmo lugar. Conversas que se misturam num som confuso, imersas em cheiros e maus cheiros de restos de alimentos espalhados pelo chão, em meio à aparente desorganização das barracas, oferecem às centenas de olhares uma exposição de mercadorias das mais coloridas, distintas e vindas de diferentes lugares.

A feira constituiu-se em um importante fator de distribuição e dinamizador econômico, desenvolvendo o processo de comercialização e de trocas inter-regionais, sobretudo no Norte e Nordeste do Brasil, onde estão envolvidas nos sistemas de mercado regional, reagindo às mudanças que ocorrem no campo político e econômico do país, representando um dos principais meios de sobrevivência para as populações das pequenas cidades dessas regiões.<sup>1,2</sup> Sua significância econômica expressa-se tanto para os feirantes, que muitas vezes têm na feira sua principal fonte de renda, como também para os consumidores, que podem encontrar nelas alimentos a preços mais acessíveis. Representa também o lugar de sociabilidades, aproximando pessoas e fortalecendo os laços de afeto entre aqueles que nela trabalham para sobreviver ou que apenas se ocupam para ter um que fazer. A feira é livre e livre sentem-se seus feirantes.

Entretanto, diversos estudos centrados na esfera dos riscos biológicos demonstram as inadequadas condições de higiene nesses locais, aliadas às adversidades da estrutura física e ao precário conhecimento dos feirantes sobre as boas práticas de manipulação e comercialização de alimentos.<sup>3-5</sup> Esses fatores podem representar riscos à saúde pública pela veiculação de doenças transmitidas por alimentos e ambientes contaminados pela presença de lixo e saneamento precário, a exemplo das toxinfecções alimentares, necessitando de uma intervenção para melhoria da atividade e proteção à saúde dos consumidores.

O enfoque nas referências às ciências biológicas com que este assunto é tratado não enfatiza os valores culturais dos sujeitos feirantes em seu processo de aprendizagem e experiências sobre as noções de higiene e contaminação alimentar.<sup>5</sup> As autoras revelam a falta de efetividade das leis sanitárias e a pouca influência destas na construção das práticas higiênicas. Os fiscais municipais adotam medidas coercitivas e punitivas, em detrimento de uma via dialógica entre os personagens da feira.

A carência de higiene, organização, qualidade de vida, saneamento básico e a precária infraestrutura (falta ou inadequação de estacionamentos e de sanitários públicos), aliada ao desinteresse do poder público municipal foram detectados em estudo realizado na feira de Barreiras, município do estado da Bahia.<sup>6</sup> Entretanto, nesse estudo, foi constatado que a população não deseja mudar esta “desordem”, apenas almeja por mais conforto.

Somam-se a estas questões, a exposição dos feirantes a variações climáticas, longa jornada de trabalho, ausência de dispositivos e mecanismos básicos de proteção, entre outros múltiplos fatores de risco para a saúde.<sup>7,8</sup>

Outro dado preocupante diz respeito à contaminação alimentar por agrotóxicos, em razão das escassas informações disponíveis sobre a exposição a estas substâncias e da liderança mundial do Brasil nesse consumo.<sup>9</sup> Além disso, há dificuldade em controlar os efeitos provocados pelo uso desses produtos, devido ao fato de ser uma contaminação “invisível”.

Diante disso, o consumidor é impossibilitado de reconhecer os alimentos que receberam a pulverização de produtos não permitidos ou além do limite autorizado. “De forma geral, a aplicação está presente na maior parte das culturas, mas as que mais trazem preocupação são aquelas consumidas em grande quantidade pela população na forma *in natura*”,<sup>10:361-362</sup> a exemplo dos alimentos frescos, vendidos em feiras.

Em 2004, o mercado de agrotóxicos movimentou no Brasil cerca de 4,2 bilhões de dólares. Revertido este valor para a saúde humana, os danos causados estendem-se a longo prazo, envolvendo riscos que podem ser cumulativos e até desconhecidos. Para o trabalhador rural, no entanto, os riscos são imediatos, devido, principalmente, à falta de orientações adequadas.<sup>10</sup> No caso dos feirantes, a contaminação pode ser ocasionada pela manipulação e ingestão de alimentos contendo resíduos de agrotóxicos.

Com base nestas considerações, alia-se a estas questões a inserção do estudo na região de Santo Amaro, onde ocorreu uma das maiores contaminações químicas por metais pesados do mundo, principalmente por chumbo, atingindo a população local pela contaminação do ar, da água, do solo ou dos alimentos.<sup>11-13</sup> Essa particularidade do município traz novos significados para a percepção da contaminação alimentar na feira popular, motivo de escolha do local da pesquisa.

Neste sentido, esta pesquisa busca maior aproximação com a realidade dos feirantes em Santo Amaro, Bahia, no intuito de compreender os significados da contaminação alimentar, microbiológica ou química, inseridos no cenário de contaminação ambiental. A compreensão dos signos socialmente (re)construídos entre esses sujeitos irá contribuir para desvendar os significados da contaminação alimentar no cotidiano da feira em um município atingido por grave problemática ambiental. Para tanto, trata-se de um objeto inscrito no universo simbólico, o qual abordará aspectos culturais.

#### PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A pesquisa ocorreu no município de Santo Amaro, Bahia, e o trabalho de campo foi desenvolvido no período de janeiro de 2009 a janeiro de 2010, por meio de 18 visitas.

Trata-se de um estudo de abordagem etnográfica, que privilegia a experiência do sujeito, permitindo ao pesquisador maior aproximação com a realidade desse, mediante uma imersão em profundidade no fenômeno da contaminação alimentar. Além disso, possibilita adentrar no mundo particular do “outro” sujeito, por meio de uma “descrição densa” dos significados construídos e reconstruídos pelos agentes sociais como uma teia que interliga de forma holística os aspectos objetivos e subjetivos de sua cultura.<sup>14</sup>

Para obtenção dos dados, foram utilizadas algumas técnicas das ciências humanas, como a entrevista semiestruturada, o diário de campo e a observação participante ou direta. Essas técnicas foram válidas para alcançar a compreensão dos significantes e outros signos das narrativas. O processo de compreensão desenvolveu-se pela análise hermenêutica apoiada em repetidas leituras da narrativa textual.

Nesse processo de compreensão, foram identificados os significantes ou unidades analíticas das falas, que são entendidos como expressões mais significativas do problema.<sup>14</sup> Estes são tecidos pela própria fala dos sujeitos, interligadas ao seu contexto social, revelando similitudes e diversidades do fenômeno estudado.

As entrevistas foram realizadas com sete feirantes, após apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo consideradas satisfatórias quando as narrativas sobre o objeto tornaram-se similares.<sup>15</sup> As entrevistas foram transcritas para análise textual. A observação participante permite ao pesquisador captar situações não obtidas pela entrevista, mas que são percebidas na própria realidade.<sup>16</sup> Também foram registrados outros detalhes que subsidiaram as observações, além das falas. Os nomes dos sujeitos são fictícios para preservar-lhes as identidades.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (SESAB).

## CARACTERÍSTICAS DA FEIRA

A feira está localizada no centro da cidade, estendendo-se por cerca de 500 m, e apresenta grande concentração no Largo do Mercado. Esta é permanente e típica do nordeste brasileiro. Apresenta produtos diversos, como roupas, calçados, acessórios, bijuterias, utensílios domésticos, brinquedos, materiais eletrônicos, material escolar, produtos de limpeza, flores, alimentos em geral, entre outros. Os produtos são expostos em barracas, bancas, carros de mão, balaios de madeira, caixotes plásticos ou de madeira, em lonas, sacos plásticos ou diretamente sobre o chão.

Quanto à situação da feira e ao seu ordenamento, os pontos de venda expõem materiais diversos, sem padronização, e ocupam o logradouro público, incluindo passeios e ponte; o lixo é produzido a céu aberto, sendo foco de doenças, além de obstruir a rede pluvial, existindo poucas lixeiras no local; os feirantes possuem precárias condições de trabalho; as condições de higiene na comercialização de alimentos e conservação de mariscos, carnes e vísceras são inadequadas. Os feirantes dividem o local com animais, principalmente cachorros, que se aglomeram nas bancas de mariscos e carnes, urinam nas barracas (onde são guardados os alimentos) e defecam no chão. O abastecimento de água é praticamente inexistente, sendo observadas apenas as torneiras dos sanitários disponíveis dentro do Mercado, utilizadas para lavagem de mãos.

## CONTAMINAÇÃO ALIMENTAR NA VISÃO DOS FEIRANTES

As pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente como valores e significados, mas estes significados não podem ser determinados com base em propriedades biológicas ou físicas.<sup>17</sup> Neste sentido, as ideias de impureza são expressões de sistemas simbólicos e a diferença entre os comportamentos face à poluição em qualquer parte do mundo é apenas uma questão de pormenor.<sup>18</sup>

O impuro e o poluente devem ser abordados pelo prisma da ordem, devendo ser excluídos quando se quer manter a ordem. A impureza é o subproduto de uma organização e de uma classificação da matéria, na medida em que ordenar pressupõe repelir os elementos não apropriados.<sup>18</sup>

A impureza é concebida como uma espécie de compêndio de elementos repelidos pelos sistemas ordenados ou esquema habitual de classificação, como se verifica nos seguintes exemplos: os sapatos não são impuros em si, mas é impuro colocá-los sobre a mesa de jantar; os alimentos não são impuros em si, mas é impuro deixar os utensílios de cozinha num quarto de dormir. Neste sentido, qualquer objeto ou ideia que traga confusão ou contradiga nossas

classificações face à poluição é condenado pelo comportamento e hábitos mais profundamente enraizados.<sup>18</sup>

O relato de um dos entrevistados apresenta um exemplo desse tipo de classificação: “Todo dia eu varro minha barraca. Vou trabalhar em lugar sujo [desorganizado]?” (Joana, 48 anos).

Abstraindo-se a patogenia e a higiene das ideias sobre a impureza, fica-se com “[...] a velha definição nas mãos: qualquer coisa que não está no seu lugar”,<sup>18:30</sup> como se pode notar na fala do feirante: “Aquilo ali no chão mesmo está errado [frutas vendidas no chão sobre um plástico]. *A única coisa que eu acho errado* aqui é isso. Eu jamais colocaria uma mercadoria minha no chão; eu não boto.” (Pedro, 43 anos, grifo nosso).

A cultura, ao mediar a experiência dos indivíduos, no que se refere aos valores públicos e padronizados de uma comunidade, fornece-lhes algumas categorias básicas, uma esquematização positiva na qual ideias e valores se encontram dispostos de forma ordenada e, sobretudo, exerce certa autoridade, fazendo com que os indivíduos se conformem porque os outros também o fazem.<sup>18</sup> Esta relação de autoridade e conformismo pode ser observada entre alguns feirantes, que mantêm algumas práticas anti-higiênicas, como expor determinados alimentos no chão da feira.

A diferenciação social provoca uma tomada de consciência da sociedade e dos mecanismos da vida em comum, como também se faz acompanhar de certas formas de coerção social, de incentivos materiais ao conformismo, de sanções punitivas particulares, de um corpo policial, de inspetores e de homens especializados que vigiam os atos com todo um aparato de controle social.<sup>18</sup>

Historicamente, até o século XVII, as regras de higiene eram impostas à população, muito mais como um ato civilizador e de adiestramento do que um ato de cuidado com a saúde e prevenção de doenças. As práticas de higiene eram normas de civilidade e algumas formas de comportamentos eram proibidas por questões de estética, por serem feias à vista e gerarem associações desagradáveis.<sup>19</sup>

Neste estudo, percebe-se que as noções acerca da contaminação na feira têm pouca interferência de conhecimentos técnico-científicos, ressaltante da baixa escolaridade dos sujeitos e da falta de ações educativas, principalmente, quanto à noção de contaminação microbiológica. Nas conversas informais com os feirantes, o tema da contaminação não aparecia; apenas quando questionados, o assunto era tratado por eles e, ainda assim, nem todos se sentiam à vontade para falar, talvez porque fosse difícil descrever algo que não existe na sua realidade imediata, nas reflexões cotidianas, e permanece na invisibilidade.

Apenas uma feirante relatou em sua fala o cuidado com a higiene para evitar contágio por bactérias, citando a casa como o lugar da limpeza. As noções de contaminação microbiológica,

porém, não foram explícitas. A dificuldade de explanação dos feirantes sobre o tema, os quais utilizam expressões vagas, de caráter tautológico, foi detectada em estudo sobre a categoria *higiene*.<sup>20</sup>

Para evitar a contaminação, os entrevistados acreditam que a lavagem e o cozimento são os processos mais importantes para limpeza dos alimentos. Por isso, as práticas de higiene inadequadas observadas na feira parecem não importar tanto aos feirantes, como se a feira fosse um lugar de sujeira. Assim, a limpeza dos alimentos deve ocorrer em casa, ambiente familiar, limpo, “conhecido”, ordenado.

Os feirantes expressaram a preocupação em não vender alimentos no chão, pois, além da ideia de desordem, o chão representa as sujidades acumuladas na feira, como lixo, poeira, excrementos humanos e de animais que representam os contaminantes físicos visíveis, possíveis transmissores de doenças e impurezas. Esta visibilidade também foi destacada em estudo que refere a dificuldade dos feirantes em associar a contaminação a algo não percebido pelo olhar.<sup>20</sup> “O chão é sujo, porque as pessoas escarram, fazem xixi, passa rato, tem lama.” (Dalva, 68 anos, grifo nosso).

Os animais, como ratos, cachorros e insetos (moscas e baratas), são vistos como fonte de contaminação por transmitirem doenças. Citam como doenças a raiva e a leptospirose, ressaltando que foi relatado um caso de morte de um feirante por leptospirose. Entretanto, são tratados com naturalidade, como evidencia a fala de Berenice (52 anos): “Na feira tem tudo, mosca, rato. Qual a feira que não tem?”

O risco de contaminação existe para os feirantes quando os alimentos ficam expostos às sujeiras sem uma proteção, como a *melancia aberta*. A casca representa um papel protetor, como uma carapaça, uma embalagem, tornando desnecessária a lavagem dos alimentos, quando é consumida apenas a polpa. Por isso, não existe o risco, quando estes possuem casca e quando esta não é comestível, protegendo os alimentos dos contaminantes externos. A proteção é intrínseca à natureza. “O coco tem a casca, então protege. A uva, caju têm casca, mas se come a casca.” (Dalva, 68 anos, grifo nosso).

Historicamente, antes de Pasteur, acreditava-se que a contaminação era transmitida por miasmas, considerados danosos a saúde, conforme antiga teoria miasmática da medicina, mantida presente no imaginário popular, que consistia na absorção de ar corrupto que degenerava os humores corporais.<sup>21,22</sup> Nesse período, até meados do século XIX, o olfato era detector de perigos, sendo importante para identificar o ar fétido, que representava o perigo.<sup>22</sup> Portanto, a noção de contaminação associa-se ao que os órgãos dos sentidos são capazes de perceber. Além do aspecto visual e aparente, o paladar e o olfato são utilizados no processo de identificação de alimentos estragados ou contaminados, quando os mesmos apresentam cheiros, sabores e aromas não característicos, indicando uma perturbação da ordem.

O mesmo se pode relacionar ao lixo, o qual incomoda devido ao mau cheiro que torna o ambiente desagradável, como também ao incômodo visual. O cheiro, porém, não identifica apenas o lixo, é associado ao perigo.<sup>22</sup> Como cita Berenice, “[...] as doenças estão vindo pelo ar que a gente nem sabe”, ao associar as doenças com os miasmas, mas não com os alimentos, como na época pré-científica.

No passado, a limpeza era relacionada ao cuidado estético mais que ao higiênico.<sup>23</sup> Com a evolução da história, o foco voltou-se para a saúde. No entanto, entre os feirantes, pode-se observar uma associação entre sujo e limpo relacionada à aparência, pois a retirada do lixo simboliza não necessariamente o afastamento do perigo (contaminante), mas sim do incômodo.

Neste sentido, a contaminação microbiológica permanece velada na feira, significada apenas nos discursos técnico-científicos, os quais não fazem parte do cotidiano desses sujeitos. Os aspectos mais relevantes para a construção simbólica do fenômeno da contaminação correspondem ao que o olhar é capaz de enxergar e ao que se pode sentir e cheirar, considerando a ordem do lugar e das coisas. O saber sobre o perigo vai-se constituindo na relação com o mundo e com o outro, com base nas vivências cotidianas.

Os feirantes também foram questionados quanto à contaminação alimentar por metais pesados, em especial o chumbo, devido à constatação dos danos à saúde da população santamarense causada pela Companhia Brasileira de Chumbo (COBRAC).<sup>11,12,24</sup>

De acordo com os dados apresentados no relatório da Coordenação Geral de Vigilância em Saúde Ambiental (CGVAM),<sup>11</sup> as emissões de metais ocorreram na forma de material particulado expelido pela chaminé da usina, por efluentes líquidos despejados diretamente no rio Subaé ou por transbordamento da bacia de rejeito, por águas de drenagem da área de estocagem de escória e deposição da escória na pavimentação das casas e logradouros públicos.

Essa exposição humana aos contaminantes químicos atingiu a população, principalmente os ex-trabalhadores da fábrica e as crianças, susceptíveis à exposição, o que ocasionou doenças, como alterações fetais, anemia e sinais e sintomas de saturnismo, como adinamia, fraqueza muscular, dor em membros inferiores e superiores, câimbras, irritabilidade, tonturas, nervosismo, inapetência e cólicas abdominais,<sup>11,12</sup> além de expor a população ao risco de câncer, doença renal crônica (nefrose, nefrite), hipertensão arterial e doença cerebrovascular.<sup>11</sup>

Assim como foi descrito que o cheiro fétido do lixo representava risco de contágio de doenças, durante o período de funcionamento da COBRAC, o chumbo mantinha-se invisível para a população, que apenas identificava o cheiro forte trazido pela fumaça expelida da chaminé, como se a fumaça também fosse um miasma, pois causava mal-estar nas pessoas expostas.

A fumaça, enquanto uma “entidade viva”, que entrava nos corpos e *comia tudo por dentro*, disseminava-se pelo ar e, com ela, levava a poeira ou o pó que contaminava a cidade, as pessoas, os animais, o solo, o ar, o rio e os alimentos. “Quando o vento baixava, que *arriava a fumaça acabava com a cidade.*” (Carmem, 66 anos, grifo nosso).

Passados 17 anos de fechamento da fábrica, nota-se nas narrativas uma naturalização do risco, assim como observado em estudo que mostra a relação cotidiana da comunidade com o amianto, o que torna natural “[...] brincar com as pedras de amianto, extrair os veios fibrosos de amianto das pedras, ornamentarem casas, apreciar a pedra que brilha sob o sol forte e reluz, pavimentar casas, frequentar a mina como local de lazer, etc.”.<sup>25:53</sup> A autora revela que o minério faz parte da vida das pessoas, não representando um risco de contaminação, mas sim uma fonte de renda e um fruto da terra, “terra esta que serve para lavar, colher, viver”.

Em Santo Amaro, a fábrica de fundição de chumbo também representava uma fonte de renda que contribuía para movimentar a economia local, principalmente para os feirantes. A necessidade de sobrevivência e a vivência com o chumbo, mesmo que indireta, tornaram-no, assim como o amianto, parte do cotidiano das pessoas. A escória produzida pela fundição contaminada por metais pesados era utilizada pela prefeitura, para pavimento de rua, e por moradores residentes em torno da indústria, para pavimento de quintais. Os filtros da chaminé da fábrica eram usados por alguns moradores como tapetes nas casas.

Para alguns feirantes, a fábrica já se constituía em algo familiar, como o caso de Carmem, que refere ter nascido junto com a COBRAC. “*Toda minha vida, toda minha juventude, fui criada ali* mesmo. A fazenda está lá até hoje. E tudo que tinha dali eu catava para comer, vender e para *sobreviver.*” (Carmem, 66 anos, grifo nosso).

Alguns entrevistados não sentiam receio em consumir os alimentos plantados na região próxima à fábrica, devido à falta de informação, pois o risco não era divulgado, como também a sobrevivência de muitos dependia do que era plantado e catado no mato. Quando questionados sobre a possibilidade de contaminação dos alimentos pelo chumbo, os entrevistados acreditam que o minério é contaminante, pois “O chumbo acaba com tudo” (Francisca, 69 anos).

Os feirantes que residiam próximos à COBRAC relatam que, ao serem alertados sobre os malefícios ocasionados pelo chumbo, passaram a não consumir os alimentos da região próxima à fábrica.

A maioria dos entrevistados não cita a possibilidade de contaminação em áreas mais afastadas, como a zona rural, atingidas, por exemplo, pelo material particulado suspenso das emissões expelidas pela fundição. Apenas Carmem, quando se mudou de cidade, e Antônia citaram esta possibilidade.

“Depois que eu me casei, fui morar na Usina São Carlos [região de São Sebastião do Passé]. A fumaça ia lá na Usina. Tiveram que fazer mais alto ainda o bueiro [chaminé] [...] O *cheiro ia longe*, ia longe mesmo. O cheiro da COBRAC *não era fácil*.” (Carmem, 66 anos, grifo nosso).

A despeito de os feirantes referirem que o chumbo contamina o alimento, revelam que a comunidade, mesmo já possuindo algum conhecimento sobre o risco de contaminação, não só consumia os alimentos produzidos no terreno da fábrica, como os retiravam para vender. O risco permaneceu invisível para muitas pessoas, possivelmente por não reconhecer o alimento como contaminado, visto que o aroma e a imagem permaneciam inalterados.

“A manga, a goiaba a gente não podia chupar. Fruto nenhum que desse ali por aquela região, a gente não podia usar. Mas mentira que continuava chupando manga, comendo goiaba, chupando cana e tudo mais, porque *comia e não tinha nada*.” (Carmem, 66 anos, grifo nosso).

O fato de comer e *não ter nada*, como cita Carmem, pode ser considerado como um dos motivos pelos quais a população ignora o risco de contaminação. Para outros, esta ideia parece uma proteção individual ou até religiosa, uma maneira de continuar vivendo em um ambiente contaminado, como se o corpo fosse um teste para a qualidade do alimento. “Eu fui criada tomando aquela fumaça toda ali. *Deus teve misericórdia de mim que eu não tive nada*.” (Carmem, 66 anos, grifo nosso). A feirante relata ainda a experiência que teve com a avó que, não obstante a exposição diária, por morar ao lado da fábrica, faleceu com idade avançada e admite a causa à velhice. “*Minha avó morreu com 110 anos e a gente morava ali* [numa fazenda ao lado da COBRAC]. (Carmem, 66 anos, grifo nosso).

A despeito de os entrevistados associarem a contaminação do chumbo com o surgimento de doenças, alguns feirantes acreditam que o processo de adoecimento não se reduz à exposição ao minério, nem se limita às condições de vida e trabalho, considerando que, no contexto de pobreza, de carências, fica difícil identificar este risco. “Pra ficar doente... Se for olhar mesmo, ninguém tem saúde, até criança já está nascendo doente.” (Berenice, 52 anos).

Atualmente, no local, são comercializados produtos como mariscos e crustáceos, os quais são originados dos manguezais próximos à cidade, como o distrito de Acupe. Entretanto, estes locais são banhados pelo rio Subaé, que apresentou concentrações elevadas de metais, em especial na região do estuário, contaminando ostras, siris e moluscos que serviam como base

alimentar da população.<sup>11,13</sup> Ressalta-se que a pesca e a mariscagem representam as principais fontes de renda para a maior parte da população local. Portanto, esses estudos indicam a elevada possibilidade de existir a comercialização de alimentos contaminados por metais pesados na feira. Entretanto, esse conhecimento do risco potencial não se encontra presente no conteúdo das falas dos feirantes entrevistados.

Segundo Berenice, este assunto não é mais comentado pelas pessoas da cidade, no dia a dia. “Depois esquece, não é? Sabe como são as coisas. Para.” A vida continua como se ali nunca tivesse existido o problema, revelando que este passou a fazer parte do mundo familiar, entrando na ordem do lugar.

Pode-se dizer que a população criou estratégias de defesa contra o sofrimento e o temor das consequências, como “não discutir”, “não agir”, “negar o problema”, por estar presa a esta realidade e não ter alternativas ou instrumentos concretos capazes de mudar esta situação. Este fato assemelha-se aos achados de estudo<sup>6</sup> sobre categorias de trabalhadores que naturalizam os riscos, quando estes são entendidos como parte da vida, inerente ao trabalho, sem alternativa de controle ou eliminação. Isso se configura, segundo o autor, como estratégia de defesa individual e coletiva contra o sofrimento no trabalho.

Quanto à contaminação química por agrotóxicos, esta é mais explícita por ser perceptível aos feirantes pela mudança do sabor e tempo de maturação dos alimentos, o que indica a adição do *produto*. O agrotóxico passa a ser um marco de mudança, de inovação. Este traz o mundo de fora que penetra no mundo conhecido da relação entre indivíduo e alimento, representando o moderno, o mundo atual cheio de perigos, de quebras de significados.

*“Quem nunca viu tomate apodrecer na geladeira? Antigamente faltava tomate aqui na Pedra, era pouco. Hoje em dia não falta mais nada. A manga faltava, porque tinha época de ter. Agora dizem que botou uma coisa pra melhorar, pra não faltar alimentação. Mas antes faltar e ser uma alimentação sadia.”* (Joana, 48 anos, grifo nosso).

*“O abacaxi mesmo que a gente vende, o rapaz não bota nenhum produto químico. Ele é natural mesmo, que chega você sente o gosto. Muitos que vem da CEASA, quer dizer que ali já [tem agrotóxico] [...] A laranja fica brilhando, bonita, mas não aguenta nada.”* (Berenice, 52 anos, grifo nosso).

Os agrotóxicos surgem como um invasor deste mundo conhecido, levando à perda de controle sobre seu mundo, sua cultura. Como se fosse algo novo, imponderável, que vem desvalorizar a forma ancestral destes sujeitos tratarem os alimentos. Paradoxalmente, o agrotóxico passa a ser considerado valorizado, em detrimento do antigo saber do agricultor, da tradicional forma de relacionar-se com a terra, pois apropriar-se do agrotóxico pode significar uma aproximação ou entrada no mundo moderno.

Ao serem questionados sobre este assunto, os feirantes remetem a diversos tipos de substâncias químicas, pois todos são considerados *produtos*.

Em estudo sobre esse tema,<sup>27</sup> a autora identifica os termos veneno e remédio para denominação dos agrotóxicos pelos agricultores. Na feira de Santo Amaro, estes *produtos* são também considerados ora veneno ora remédio, segundo as narrativas a seguir; em ambas as formas, o agrotóxico provoca a mudança da relação com os alimentos, pois é a própria contaminação.

“Dizem ‘tem que comer bastante verdura, tem comer bastante fruta’. Agora pra quê? Eu acho que se puder evitar, comer um pouco menos [por considerar ter agrotóxico].” (Joana, 48 anos).

“Agora por que eles fazem isso? *Por causa das pragas, está infeccionando a gente do mesmo jeito, que é o pior [...]* Quer dizer, se eles não fizerem isso, eles não têm para vender, para gente comprar.” (Carmem, 66 anos, grifo nosso).

Conforme exposto, alguns feirantes reproduzem a ideia da dependência agrícola aos insumos químicos. Essa dependência é resultante da pressão econômica de grandes grupos multinacionais, pois o Brasil representava um dos maiores mercados consumidores e tornou-se um círculo vicioso devido à resistência das pragas e ao esgotamento dos solos.<sup>28</sup>

As pessoas que vendem alimentos contaminados por agrotóxicos, no caso agricultores, não os consideram prejudiciais à saúde, enquanto outros afirmam que, a despeito dos riscos, acham inviável a produção de alimentos sem sua utilização.<sup>29</sup>

Os feirantes que compram produtos do Centro de Abastecimento da Bahia (CEASA) para revender, não gostam de falar sobre o assunto. Alguns entrevistados referem que os alimentos vendidos nesse local contêm agrotóxicos, o que indica que os feirantes têm algum conhecimento dos efeitos destes sobre a saúde humana.

Alguns entrevistados revelam uma insegurança ao consumir determinados alimentos, por associarem alimentos contaminados por agrotóxicos ao risco do surgimento de doenças.

“‘Vambora’ ver essas frutas e verduras [...] Mamão é sadio? Não é sadio, porque está cheio de produto [...] Então eu acho que isso tudo está trazendo mais doença, acabando com a saúde do povo. Qualquer coisinha hoje é *câncer de garganta, câncer de útero, câncer de mama*”. (Joana, 48 anos, grifo nosso).

Segundo as narrativas, pode-se dizer que existe um valor atribuído aos alimentos, como uma escala de valoração, de acordo a forma como são produzidos. Os feirantes valorizam o conhecido, o familiar, o que torna o agrotóxico desvalorizado, por representar o novo que causa estranhamento com o alimento. “Naquele tempo a alimentação era outra. A gente comia bem mal, mas comia bem bom. Hoje que a gente está se alimentando mal. Antigamente não tinha agrotóxicos. Plantava e como plantava crescia.” (Carmem, 66 anos, grifo nosso).

Para Carmem, comer bem é ingerir alimentos isentos de agrotóxicos, como era sua alimentação quando criança, mesmo à época em que esta era escassa, devido à dificuldade financeira da família. O agrotóxico passa a interferir na ordem cotidiana, pois o alimento, antes fonte de vida e saúde, passa a ser transmissor de doença, de um mal.

Alguns feirantes acreditam que os alimentos plantados na zona rural do município não possuem agrotóxicos, pois o alimento contaminado vem de fora. Mais uma vez, o agrotóxico é representado como o estranho, o invasor.

“A única coisa que não pode pegar produto até agora é quiabo, porque é *daqui do interior*. Você acha que essas laranjas, essas melancias que vem de fora são sadias? Não são sadias. Outra coisa boa também, que não tem produto, é jaca, quando chega a época. *Quem tem roça não vai botar produto*. Feijão de corda que é daqui também. Mas chamou outros produtos que vem embalado, não tem quem não diga que não tem produto.” (Joana, 48 anos, grifo nosso).

Ressalta-se que outro tipo de contaminação química por agrotóxicos (como raticidas e demais produtos), não menos importante, foi identificado nas falas. Este se deve ao controle de ratos e baratas, realizado de forma descontrolada e sem orientações pelos próprios feirantes. “Sempre a gente está botando remédio, mas gasta tanto com Baygon [inseticida]. Uns botam, outros não botam, então nunca vai acabar [baratas].” (Berenice, 52 anos).

Os feirantes também foram questionados sobre a possibilidade de os alimentos serem transmissores de doenças. Ainda que as entrevistas abordem as contaminações químicas e microbiológicas, os sujeitos associavam às doenças, principalmente, aos alimentos mal cozidos e

ricos em gordura. “Para os feirantes e consumidores, a ideia de contaminação está associada muito mais a uma alteração estética do produto do que à presença de um contaminante, seja ele físico, químico ou biológico, como apregoa o discurso da ciência”.<sup>5:1612</sup> Em suas vidas cotidianas, o alimento é uma fonte de renda e festividades, sendo poucas vezes associado a um possível transmissor de doenças.

O conhecimento científico é composto por conjuntos de instrumentos teórico-metodológicos que permitem “enxergar” além dos sentidos. Para os feirantes, no entanto, esse universo não foi alcançado, por serem limitados aos órgãos dos sentidos. Com base nessa percepção sensorial agregam saberes e crenças, para então construir as explicações e o entendimento sobre os fenômenos observados de contaminação alimentar no cotidiano da feira.

Com relação aos significados da contaminação alimentar, este estudo permitiu perceber-se que são construídos muito mais por influências culturais baseadas nos costumes e nas crenças do que pela interferência de conhecimentos técnico-científicos. A noção de contaminação está relacionada às limitações das percepções dos sentidos, associadas às formulações presentes nos saberes e crenças, tendo em vista a falta de acesso ao saber técnico-científico e à baixa escolaridade apresentada, diante da necessidade de trabalhar desde a infância.

A explicação do fenômeno da contaminação alimentar fundamenta-se nas formulações orientadas pela antiga noção de miasma, de ordenamento, conceito empírico de sujo e limpo, pelos sentidos da visão e do tato, em que o referencial sensorial é determinante na experiência dos feirantes diante ao risco da contaminação alimentar. Quando o alimento apresenta sinais não característicos, indica uma perturbação da ordem ou associação ao perigo.

Os feirantes expressaram dificuldade para explicar sobre o tema da contaminação microbiológica, pois esta não existe na realidade aparente, nas reflexões cotidianas, permanecendo na invisibilidade. Os contaminantes físicos visíveis e os odores desagradáveis são os possíveis transmissores de doenças e impurezas.

No que tange à contaminação por agrotóxicos, esta é mais explícita por ser perceptível aos feirantes ao causar mudança no sabor e no tempo de maturação dos alimentos. O agrotóxico é representado como algo novo, invasor do mundo conhecido, alterando a relação dos feirantes com os alimentos, provocando um estranhamento.

Quanto ao risco de contaminação alimentar por metais pesados, em especial o chumbo, constata-se que, numa cidade com preocupantes índices de contaminação ambiental, este foi naturalizado pelos feirantes e percebido como algo distante, relacionado à fábrica. A percepção do risco está presente no pensamento e na reflexão, quando há questionamento acerca do tema, mas não na prática cotidiana.

## REFERÊNCIAS

1. Costa AFC, Cleps GDG. A inserção da feira-livre no espaço urbano de Uberaba – MG. In: Anais do II Simpósio Regional de Geografia “Perspectivas para o cerrado no século XXI”. Uberlândia, Minas Gerais; 2003.
2. Silva AIF, Holanda VCC. Um estudo dos circuitos da economia urbana na cidade de Cariré-CE. Rev Homem, Espaço e Tempo. 2009 mar;52-71.
3. Almeida MD, Cardoso RCV, Barreto MDA, Otero JB. A venda de carnes em feiras livres de Salvador, sob a perspectiva da segurança alimentar: o caso da feira de Sete Portas. In: Anais do XXII Seminário Estudantil de Pesquisa. Salvador (BA); 2003. p.195.
4. Cardoso RCV, Santos SMC, Santana GR, Pimentel SS, Guimarães TFD, Almeida MD, et al. Comércio de rua na Bahia – o perfil do consumidor em Salvador e a caracterização do comércio em Mutuípe. In: Bezerra ACD. Alimentos de rua no Brasil e saúde pública. São Paulo: Annablume; Cuiabá: Fapemat, EdUFMT; 2008. p. 53-60.
5. Minnaert ACST, Freitas MCS. Práticas de higiene em uma feira livre da cidade de Salvador (BA). Rev Ci Saúde Col. 2010;15:1607-14.
6. Martins MTX, Lucena RM. Para ler as feiras livres de Barreiras: uma percepção sócio-cultural dos alunos de comunicação social da FASB/ INTERCOM. In: Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador (BA); 2002. p. 1-13.
7. Azevedo P, Mendonça M. Condições de saúde dos comerciantes do Mercado Municipal Albano Franco, Aracaju. 2008. Extraído de [[http://www.eptic.com.br/epitic\\_saude/interna.php?c=188&ct=748&o=1](http://www.eptic.com.br/epitic_saude/interna.php?c=188&ct=748&o=1)], acesso em [10 de outubro de 2008].
8. Mondin SP, Monteiro MI. Condições de trabalho e estilo de vida entre feirantes na cidade de Campinas – SP. In: Anais do XVI Congresso Interno de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP); 2008. p. 59.
9. Faria NMX, Fassa ACG, Facchini LA. Intoxicação por agrotóxicos no Brasil: os sistemas oficiais de informação e desafios para realização de estudos epidemiológicos. Ci Saúde Col. 2007;12:25-38.
10. Anvisa. Informe Técnico Institucional. Resíduos de agrotóxicos em alimentos. Rev Saúde Públ. 2006;40:361-3.
11. Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). Avaliação de risco à saúde humana por metais pesados em Santo Amaro da Purificação. Extraído de [[http://portal.saude.gov.br/saude/visualizar\\_texto.cfm?idtxt=24117](http://portal.saude.gov.br/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=24117)], acesso em [13 de abril de 2008].

12. Carvalho FM, Silvany Neto AM, Tavares TM, Costa ACA, Chaves CR, Nascimento LD, et al. Chumbo no sangue de crianças e passivo ambiental de uma fundição de chumbo no Brasil. *Rev Panam Salud Publ.* 2003;13:19-24.
13. Tavares TM, Carvalho FM. Avaliação de exposição de populações humanas a metais pesados no ambiente: exemplos do Recôncavo Baiano. *Rev Quím Nova.* 1992;15:147-54.
14. Geertz C. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: Guanabara; 1989.
15. Bibeau G, Corin E. *Beyond textuality: ascetism and violence in anthropological interpretation.* Berlin: Mouton de Gruyter; 1995.
16. Minayo MCS, Deslandes SF, Cruz Neto O, Gomes R. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.* 3ª ed. Petrópolis: Vozes; 1994.
17. Sahlins M. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em via de extinção. *Mana.* 1997;3(1):41-73.
18. Douglas M. *Pureza e perigo. Ensaio sobre as noções de poluição e tabu.* Lisboa: Edições 70; 1991.
19. Elias N. *O processo civilizador: uma história dos costumes.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1994. v. I.
20. Teles ACVS. *Hábitos higiênicos: uma etnografia da higiene na Feira do Japão, Liberdade [Dissertação].* Salvador (BA): Universidade Federal da Bahia; 2006.
21. Jorge KC. *A modificação da vida urbana da cidade de São Paulo no século XIX a partir das ações sanitárias – A construção de cemitérios e a prática de sepultamentos.* In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História.* Campinas (SP); 2007.
22. Czeresnia D. *Do contágio à transmissão: ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico.* Rio de Janeiro: Fiocruz; 1997.
23. Vigarello G. *O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal.* São Paulo: Martins Fontes; 1996.
24. Doumouchtsis KK, Doumouchtsis SK, Doumouchtsis EK, Perrea DN. The effect of lead intoxication on endocrine functions. *J Endocrinol Invest.* 2009;32:175-83.
25. D'Arede CO. *O tempo das águas e dos ventos: significações do asbesto atribuídas às viúvas e ex-trabalhadores da mina de São Félix, em Bom Jesus da Serra, Bahia, Brasil [Dissertação].* Salvador (BA): Universidade Federal da Bahia; 2009.

26. Dejours C. Travail, usure mentale. De la psychopathologie à la psychodynamique du travail. Paris: Bayard; 1993.
27. Gomide M. Agrotóxico: que nome dar? Rev Ci Saúde Col. 2005;10:1047-54.
28. Levigard YE, Rozemberg B. A interpretação dos profissionais de saúde acerca das queixas de “nervos” no meio rural: uma aproximação ao problema das intoxicações por agrotóxicos. Cad Saúde Públ. 2004;20:1515-24.
29. Recena MCP, Caldas ED. Percepção de risco, atitudes e práticas no uso de agrotóxicos entre agricultores de Culturama, MS. Rev Saúde Públ. 2008;42:294-301.

Recebido em 14.12.2010 e aprovado em 16.04.2011